

(Meta)Linguagem

Onici Claro Flôres
Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumo: Este artigo discute o conceito de metalinguagem, problematizando-o, além de propor sua revisão teórica, dado que a maioria dos estudantes e profissionais - usuários dessa terminologia - emprega o conceito acriticamente, como se fosse unívoco. Em vista disso, faz-se a revisão de algumas das concepções a respeito e suas implicações quanto às relações entre metalinguagem e linguagem. Após, apresenta-se o recorte teórico proposto por Dascal e Weizman (1987) e Dascal (2006) que situam a metalinguagem no contexto, e as considerações de Morato (2010, 2008, 2005) que amplia o escopo do conceito, afastando-se do formalismo clássico e de sua concepção de verdade e referência.
Palavras-chave: Linguagem; metalinguagem; contexto extralinguístico e metalinguístico.

INTRODUÇÃO

O conceito de metalinguagem resente-se de falta de discussão e de sistematização, como tantos outros da área de linguística, o que não indica, entretanto, inexistência de problemas conceituais e metodológicos. Antes, talvez, traduza a complexidade das variáveis a serem consideradas. O que surpreende, porém, é que mesmo iniciantes em cursos de Letras e de Comunicação afirmem sem titubear que metalinguagem é a linguagem da qual a pessoa se serve para avaliar a própria linguagem, ou seja, mesmo neófitos não ignoram que a metalinguagem é o modo típico de autorregular as formas de expressão e de comunicação das línguas naturais (Rey de-Bove, 1997). A evidência referida comprova a grande difusão do conceito, mas não mostra o seu percurso histórico nem remete aos embates teóricos por ele suscitados.

Contudo não basta repetir o conceito, uma vez que discutir tanto implica refletir sobre a linguagem do dia a dia como sobre a terminologia científica e a linguagem própria dos grupos de trabalho ou de lazer e entretenimento, além disso, significando também ter em conta os variados modos como o comportamento linguístico/semiótico é interpretado pelos

indivíduos envolvidos na interação. Tendo em vista o pano de fundo apresentado, o que se pretende neste artigo é repensar o conceito de metalinguagem, retomando algumas discussões teóricas a seu respeito.

LÓGICA, LINGUAGEM E METALINGUAGEM

A introdução do conceito de metalinguagem deve-se à lógica, mas na linguística sua acepção varia, de acordo com a abordagem teórica do pesquisador. As acepções mudam porque a relação entre lógica e linguagem natural não é pacífica e, apesar de o conceito de metalinguagem ser considerado por muitos, equivocada e ligeiramente, como sendo equivalente na vertente lógica e na linguística, há abordagens linguísticas que acatam o ponto de vista lógico; outras, não. O gerativismo a defende (Chierchia, 2003), enquanto que o funcionalismo a rechaça (Givón, 1982).

Aceitação e repúdio embasam-se no fato de a lógica propor um conceito de metalinguagem em termos de conhecimento epistêmico – fundado no mundo real –, cuja representação seria feita em consonância com o que nele existisse. Essa concepção baseia-se numa fratura metodológica imposta à linguagem, seccionada em duas partes: linguagem-objeto e metalinguagem (descrição). A linguagem-objeto seria julgada veraz se correspondesse a uma verdade externa a si mesma, um critério superior e acima da própria linguagem. Assim, linguagem e metalinguagem foram dissociadas e a linguagem ficou sob a tutela da metalinguagem. A base distintiva entre ambas, tal como concebida por lógicos como Tarski (1974), parte do pressuposto de que uma asserção só é verdadeira se corresponder a algo que esteja no mundo, daí a expressão linguagem-objeto.

Dentre os linguistas que defendem os pressupostos da lógica está Chierchia, que se justifica afirmando que “[...] o conceito de verdade refere-se à relação entre um enunciado e a realidade que ele descreve” (2003, p. 55), sendo essa relação que faz dele um conceito semântico. O autor acrescenta, ainda, haver um estreito vínculo entre verdade e referência, pois a lógica versa

sobre raciocínios que preservam a verdade, requerendo uma semântica denotacional, embasada na verdade e na referência.

O autor confere ênfase especial à noção de verdade, não a considerando nada trivial. De acordo com ele, se não houvesse uma suposição generalizada de verdade, aceita e respeitada por todos os membros da sociedade humana, haveria um desconcerto geral, de vez que até mesmo mentir seria impossível. Como saber o que é mentira, se não houvesse um conceito de verdade preexistente?

Se há linguistas que se pautam pelos preceitos lógicos, há, também, aqueles que os combatem. É o caso de Givón (1982), crítico das teorias linguísticas que se apoiam na lógica, tendo-lhes dirigido contestações empolgadas. Givón propõe-se a embasar a noção de sistema da língua, caracterizando-o através de quatro propriedades que contrastam com as do sistema lógico como se pode observar no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1: Propriedades do Sistema pragmático e do Sistema lógico-dedutivo

Sistema pragmático	Sistema lógico-dedutivo
Aberto	Fechado
Dependente do contexto	Independente do contexto
Contínuo/Não-discreto	Discreto
Indutivo - Abduativo	Dedutivo

As implicações da proposta de Givón são importantes porque, de acordo com ele, caso se opte por considerar que o significado é, em princípio, um assunto pragmático, a primeira consequência é reconhecer que o mapa cognitivo humano constitui-se em grande parte de representações estáveis. Estas foram estabilizadas pelo próprio organismo. Não há como negá-lo, diz ele. O autor assegura, ainda, não ver nada de errado em conceder a essas construções sua ilusória estabilidade e aparente independência da situação, desde que se esteja cômico de que se sustentam sobre o *'abismo pragmático'*.

A considerar as ponderações de Chierchia e Givón, o consenso na área da linguística está longe de ser alcançado, pois a divisão entre apoiadores e opositores à lógica persiste, estando o conceito de referência no centro dos interesses dos pesquisadores.

Assim, persiste a polêmica entre as duas visões mais aceitas a respeito de como a língua refere o mundo. De um lado, a concepção da metáfora do espelho, segundo a qual as estruturas linguísticas refletem a realidade, posição apregoadada pelos lógicos. De outro, alinham-se os adeptos da instabilidade constitutiva da relação entre linguagem/mundo, postulando que as práticas linguísticas “não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário frente ao mundo” (Mondada; Dubois, 1995, p. 273).

METALINGUAGEM E MODO DE OPERAR DA ATIVIDADE METALINGUÍSTICA

Vale acrescentar, ainda, que o estruturalismo ainda que não defendesse, acirradamente, o ponto de vista da lógica, o acatou. Até porque Saussure teorizou a respeito da língua enquanto sistema, deixando de lado a história e o sujeito, o que se comprova por meio das dicotomias sincronia/diacronia e língua/fala e a opção do autor pelo enfoque da *langue*, sincronicamente. Explica-se, então, ter ganhado destaque, em linguística, a posição de Jakobson, que propôs o estudo das funções da linguagem, de modo imanente, internamente à língua, aos textos.

O mesmo, entretanto, não aconteceu com outros teóricos que continuaram a discutir o conceito de metalinguagem, problematizando-o. Por exemplo, Coupland e Jaworski (1998) se perguntaram de início o que seria do uso linguístico sem sua *dimensão metalinguística*, definindo metalinguagem como *a linguagem usada para descrever a linguagem*, acrescentando, porém, que a linguagem (ou a língua) a que se referem não pode ser tomada isoladamente *em si e por si mesma*, como o preconizou Saussure. Na ótica desses autores, o sistema não independe do falante - quem é ele, o que faz, a quem se dirige, onde vive e assim por diante - nem do uso que ele faz da linguagem. Nesse caso, a linguagem não é considerada tão inocente e descompromissada, assim, até porque a sua dimensão metalinguística, de fato, gerencia a interação social, sendo responsável por seus resultados e efeitos (Coupland; Jaworski, 1998).

Por outro lado, inicialmente os estudos a respeito de metalinguagem abordaram a fala e muitas pesquisas a respeito de metalinguagem (Flôres, 1994) se voltaram para a análise do desenvolvimento da habilidade metalinguística em crianças. Assim, quanto se afirma que de modo usual o monitoramento sobre a interação desencadeia-se através de uma pergunta direta, o que está em foco é a *fala* e a linguagem do dia a dia. Mas a atividade metalinguística, ou a busca/fornecimento de comprovação, evidências e explicações, não se restringe apenas à fala, pois a escrita também contém marcas da dimensão metalinguística da linguagem, havendo muitas outras formas de explicitação metalinguística além da pergunta direta, por exemplo, paráfrases, comentários, citação direta, referências intertextuais etc. Ademais, de acordo com Coupland e Jaworski (op. cit.) toda e qualquer escolha linguística implica certo grau de consciência (apesar de tal circunstância nem sempre ser observável), sendo que algumas das escolhas feitas buscam explicitar-se, refletindo sobre si mesmas ou sobre outras opções feitas. Em suma, a dimensão metalinguística da linguagem relaciona-se à negociação de sentidos e aos usos sociais da linguagem que, diga-se de passagem, nunca são tão assépticos e desinteressados, seja no que diz respeito à construção do conhecimento, seja no que respeita à apreensão da realidade.

Pelo visto, um dos papéis da metalinguagem é buscar resolver dificuldades de entendimento, sanar dúvidas, detalhar informações, situar espaço-temporalmente os eventos, em suma, tratam de precisar sentidos. E, sem dúvida, esse conceito não interessa somente à linguística, ou à linguagem ordinária. A reflexão concernente à significação da linguagem é decisiva para entender como se estruturam as relações sociais e como é produzido o conhecimento em qualquer instância social, área de estudos ou ciência.

No que se refere ao conhecimento gerado na academia, destaca-se a necessidade de analisar o modo como se explicita ou implícita o conhecimento, de vez que sem a possibilidade de usar palavras, ou seja, a língua ordinária, para examinar conceitos, a pesquisa seria inviável. As palavras usadas nas teorias adquirem valores determinados, transformam-se em metalinguagem. Elas

constituem redes de ideias que precisam ser consideradas no interior de cada perspectiva através da linguagem comum. Por exemplo, qual a linguagem usada na reflexão sobre a linguagem, perguntam-se os estudiosos de linguística, ao analisarem os modelos teóricos existentes. Nesse caso, a circularidade intrateórica propicia atentar para a relação entre linguagem e metalinguagem, local e focalmente, deixando entrever o modo de construção da perspectiva teórica em análise.

ATIVIDADES METALINGÜÍSTICAS E EPILINGÜÍSTICAS

As dúvidas e esclarecimentos, portanto, as perguntas, os comentários e as buscas de explicação, bem como o fornecimento de indicações a respeito do que está sendo dito, ouvido ou lido podem se manifestar através de dois tipos de comportamentos verbais distintos, não redutíveis um ao outro:

- aqueles em que o sujeito atenta para a linguagem, sua ou do outro, e faz reparos ou autorreparos. Quando assim age, o sujeito está exprimindo sua autopercepção, um julgamento sobre as expressões linguísticas utilizadas, porém, ao fazê-lo, não recorre à metalinguagem para corrigi-las, julgá-las ou avaliá-las.

Ex.: A: O gato da vizinha passou.

B: Que gato? Estás falando do marido ou do bichinho de estimação?

- aqueles em que o sujeito, além de focalizar a linguagem, fornece uma explicação ou faz um julgamento, cuja base é uma teoria, e, em vista disso, faz uso da metalinguagem.

Ex.: A: Como se escreve sucinto? Com ou sem s antes do c.

B: Está certo assim, sem s.

Gombert (1992) reserva o termo *epilingüístico* para indicar os comportamentos verbais de tipo (1), que se assemelham a comportamentos metalingüísticos, não sendo, entretanto,

controlados pelo sujeito que os formulou de modo consciente e proposital, em termos técnico-científicos. Já o comportamento verbal de tipo (2) é considerado uma atividade *metalinguística* típica.

METALINGUAGEM E CONTEXTOS INTERATIVOS

No dia a dia, como afirmado anteriormente, a atividade metalinguística manifesta-se, em geral, via pergunta. Por exemplo, numa conversa entre mãe e filho, se a criança não entender uma palavra, simplesmente, perguntará o que ela significa, interrompendo a fala da mãe.

- (1) *Mãe*: Pedrinho, se gritasses menos, talvez eu não te xingasse tanto.

Pedrinho: Mãe, o que é *talvez*?

Como visto, o garoto não prosseguiu a conversa, ignorando o que fora dito. Concentrou-se na palavra *talvez* e fez a pergunta em busca de esclarecimento. Sabe-se lá se ele entendeu a reclamação da mãe!

A situação modifica-se, porém, caso a pergunta seja feita num outro ambiente social, na escola, digamos. Apesar de operar da mesma forma, isto é, de envolver o proferimento da pergunta, nesse caso dirigida ao professor, sua formulação foge do alcance compreensivo do indivíduo comum. A questão, de modo geral, diz respeito ao significado de um termo, expressão etc. no interior de uma determinada teoria. Seria o caso de uma pergunta, como: “*O que é proparoxítona?*”

Indo um pouco além, considere-se o ambiente universitário, e, nele, um filósofo e um semanticista discutindo os conceitos de inclusão de classe - hiperonímia e hiponímia. Eles bem poderiam afirmar:

- (2) Toda rosa é uma flor.
Mas nem toda flor é uma rosa.

E alguém, um aluno, perguntar: “Por quê?”. Sem dúvida, se alguém fizesse uma pergunta dessas não estaria interessado em flores, ou, menos ainda, em rosas.

As situações referidas indicam que a terminologia, ou seja, as palavras usadas em cada caso vão passando da linguagem que a maioria das pessoas entende para uma linguagem não usual, envolvendo a necessidade de refinar o conhecimento linguístico e terminológico, requerido. Assim, a metalinguagem mobilizada acaba variando de acordo com o *contexto* (Dascal, 2006), vinculando-se tanto recurso à metalinguagem quanto atividade desencadeadora ao contexto em que foi produzida a intervenção.

Por outro lado, como bem o assinalou Parret (1988), a operação metalinguística, por vincular-se à ciência, intenta repetir e repetir-se, atestando a própria validade. Nesses casos, a repetição é indicada e valorizada, porque ela garante um ponto de apoio comum aos interlocutores. Em outras palavras, como o reitera Orlandi: "Toda ciência tem de ter uma metalinguagem, pela qual [estabeleça] suas definições, conceitos, objetos e procedimentos de análise" (Orlandi, 1999, p. 16).

A POSIÇÃO DE JAKOBSON E AS RESSALVAS DE PÊCHEUX

Responsável pela introdução do conceito na área da linguística, Jakobson afirma que “a metalinguagem não é apenas um instrumento científico necessário, utilizado pelos lógicos e pelos linguistas; desempenha também papel importante em nossa linguagem cotidiana” (Jakobson, 1975, p. 127). De acordo com a observação feita, Jakobson aceita o conceito de metalinguagem, reafirmando sua relevância como *instrumento científico*. Em sua ótica, contudo, a metalinguagem se faz necessária, não só nessa condição, mas, sobretudo, como uma dentre as “funções da linguagem”. Segundo o afirma, tudo na linguagem produz, por expansão ou condensação, um ato metalinguístico. Trocando em miúdos, a metalinguagem põe a linguagem em condições de, voltando-se sobre si mesma, autossignificar.

No entanto, se Jakobson representa um apoio teórico para discutir metalinguagem, intratextualmente, há que se pensar se a dimensão metalinguística da linguagem se esgota nos limites da

atividade verbal ou, ainda, ter em conta que os aspectos linguísticos respondem apenas por uma parte do processo de comunicação.

A possibilidade de considerar a metalinguagem apenas internamente ao sistema verbal ou não, levou a que se considerasse, dentre a de outros autores, a posição de Pêcheux (1990), que negou a pertinência conceitual de metalinguagem. Interessa saber, então, por que ele refutou o conceito e em que sentido o considerou descartável. Pois bem, ao que parece, em sua ótica toda descrição de objetos, de acontecimentos e até mesmo as construções teóricas mais elaboradas estão expostas ao equívoco da língua, ou seja, todo enunciado pode tornar-se outro, pois há deslocamentos de sentido e pontos de deriva, os quais abrem espaço para a interpretação. Segundo ele, o *outro* existe nas sociedades e na história, ou seja, esse outro faz parte do discurso, constituindo-o e sendo por ele constituído. O mundo discursivo, em vista disso, mantém-se ativo e pulsante através da memória (interdiscurso) espaço elástico, lugar de conflitos e de regularização, em que coexistem desdobramentos, discussões, polêmicas e contradiscursos (Pêcheux, 1990).

Os argumentos de Pêcheux, portanto, negam a univocidade lógica. De acordo com o autor, a sedimentação dos processos de significação é histórica, conjuntural e não lógica, ou seja, os sentidos têm história, e é a história que produz a institucionalização do discurso dominante. Da institucionalização provém a legitimidade e, em decorrência, o sentido socialmente legitimado que acaba fixando-se como o sentido oficial, reconhecido e estabilizado pelas instituições: o sentido literal (Orlandi, 1998).

Pêcheux (1990) diz, ainda, que só se pode falar em metalinguagem, quando a interpretação é fixada, interdita, daí sobressair-se a noção de metalinguagem como uma linguagem criada para disciplinar, tendo caráter redutor, regrador dos sentidos. Em havendo interdição às possibilidades interpretativas, o que resulta é a criação de espaços discursivos estabilizados. Para desestabilizá-los só propondo outra terminologia científica, ou seja, outra *metalinguagem*. O que aponta para a possibilidade de mudança de paradigma. Nas ciências, seguir tal ou qual

paradigma é o que comumente se faz. Para alterar um caminho interpretativo há que se alterar em alguma medida o paradigma, inevitavelmente, daí a importância da inclusão das ideias de Pêcheux na presente revisão, pois ele rejeitou o caráter asséptico do conceito lógico de metalinguagem vinculando-o à ideologia, à história e à possibilidade de existência de diferentes visões do que seja realidade e conhecimento.

Do confronto de posições infere-se a complexidade conceitual existente, pois qualquer coisa que se possa dizer, ou escrever, envolve metalinguagem. Além do que, não há como estabelecer uma fronteira nítida entre linguagem e metalinguagem a não ser metodologicamente, pois a metalinguagem se manifesta tanto através da autonomia, quanto do emprego de termos metalinguísticos.

Em suma, apesar de a lógica ter estabelecido uma cisão, aparentemente, nítida entre linguagem e metalinguagem, a demarcação é ilusória. A divisão da linguagem na chamada linguagem-objeto e na linguagem de descrição ou metalinguagem pressupõe a existência de um lugar fora da linguagem, um tipo de *mentalês*. Contudo, quanto mais se investiga mais se percebe que aquilo que, na verdade, se faz, resume-se a se apoiar cada vez mais na capacidade autoexplicativa da linguagem (Lucas, 1999).

A POSIÇÃO DE MORATO

Há que referir, além das demais, a posição de Morato (2008, p. 59) que, ao discutir o conceito de competência, remete em nota de rodapé a um texto publicado anteriormente (Morato, 2005, p. 259), no qual afirmara que "A afasia tem sido definida tradicionalmente como um problema metalinguístico (nos termos de Jakobson)". A autora contesta a visão de Jakobson por considerá-la reducionista. Segundo ela, a aceitação pura e simples desse ponto de vista implica que os problemas e o tratamento da afasia se limitam exclusivamente ao conhecimento metalinguístico do mundo.

Em sua ótica, a perspectiva é inadequada por circunscrever a linguagem ao sistema linguístico, eliminando as possibilidades comunicativas não baseadas no verbal. O conceito

de linguagem preconizado pela autora ultrapassa os limites da atividade vocal, e por isso acaba se contrapondo ao conceito de metalinguagem, tal como postulado por Jakobson. Morato propõe, pois, reunir linguagem *verbal* e *não verbal*, no conceito de metalinguagem.

Se Morato destaca que para enunciar, os sujeitos colocam em cena estruturas e processos cognitivos como a percepção de tempo e espaço, o olhar, as expressões do rosto, a postura, a gestualidade, o reconhecimento de implícitos semântico-pragmáticos que traduzem a manipulação de regras socioculturais que presidem a utilização da linguagem e os padrões comportamentais requeridos, em cada contexto interativo, Maingueneau acrescenta que "a possibilidade de registrar simultaneamente o som e a imagem permitiu pôr em evidência o caráter multicanal da comunicação verbal, que ultrapassa largamente o estrito domínio da língua natural [...]" (Maingueneau, 1997, p. 59) De acordo com ele, ainda, a interpretação não está incluída nos enunciados, pois a relação entre enunciado/enunciação não é fixa nem estável, mas é uma construção que resulta do trabalho conjunto dos participantes da atividade interativa.

Retomando Morato (2010), a autora insiste que a falta de palavras, ou seja, o não conseguir lembrar-se do nome de algo não implica que o indivíduo seja incapaz de exercitar qualquer atividade metalinguística, ou que não possa refletir sobre o que quer dizer. Em sua argumentação, Morato declara que estudos comprovam que as alterações metalinguísticas comuns na afasia, em si e por si mesmas, não chegam a destruir toda a capacidade pragmático-enunciativa, ou as ações reflexivas dos sujeitos sobre a língua e seu funcionamento. Sua perspectiva de investigação considera outros sistemas semiológicos como o gestual e o procedimental, recusando-se ela a admitir que todo tipo de ação reflexiva do sujeito sobre a linguagem e seu funcionamento possa se restringir ao conhecimento da estrutura linguística, ou ao conhecimento das noções de língua detidas pelo falante. Por exemplo, em se tratando de sujeitos afásicos, dentre as evidências de que a pessoa está agindo competentemente, apesar de não conseguir mobilizar os recursos verbais usuais, aparecem

manifestações variadas como: repetição, reformulação, reparo, paráfrase, alterações prosódicas, referências dêiticas, hesitação, expressões interjetivas, ajustes enunciativos, utilização de expressões formulaicas, uso concomitante de semioses não verbais etc.

Para concluir, destaca-se que a autora modificou o conceito de metalinguagem jacobsoniano, ao considerar como evidências de atividades metalinguísticas alguns aspectos extralinguísticos da comunicação como o gesto, o olhar, a postura, a realização de ações direcionadas a um objetivo etc. Ao fazê-lo, integrou linguagem verbal e não verbal, construindo uma perspectiva analítica diferente daquela aceita anteriormente, posicionando-se de modo desfavorável à demarcação de fronteiras entre o verbal e o não verbal, quando se analisa a atividade comunicativa humana, mesmo que a comunicação não envolva múltiplos canais.

O CONTEXTO, NA PERSPECTIVA TEÓRICA DE DASCAL E WEIZMAN

Em decorrência das afirmações anteriores, é necessário esclarecer um pouco melhor o que se entende pela relação linguagem/contexto, para que fique mais claro o papel da dimensão metalinguística da linguagem. Ou seja, é preciso esclarecer se existe algo interno e algo externo à linguagem. Se existe, de que se constitui esse algo mais além da imanência da linguagem. Para elucidar o que se entende a respeito dessa relação, recorreu-se à leitura de *Interpretação e compreensão* (2006), publicação em que Dascal retoma um trabalho anterior com Weizman (1987), no qual os dois haviam discutido o papel do contexto na interpretação leitora. Em 1987, esses autores analisaram a influência de dois tipos de informação contextual – a *extralinguística* e a *metalinguística* – e postularam cinco princípios orientadores da seleção dos indícios ou pistas contextuais a serem consideradas na interpretação, os quais foram retomados em Dascal (2006) (Figura 1):

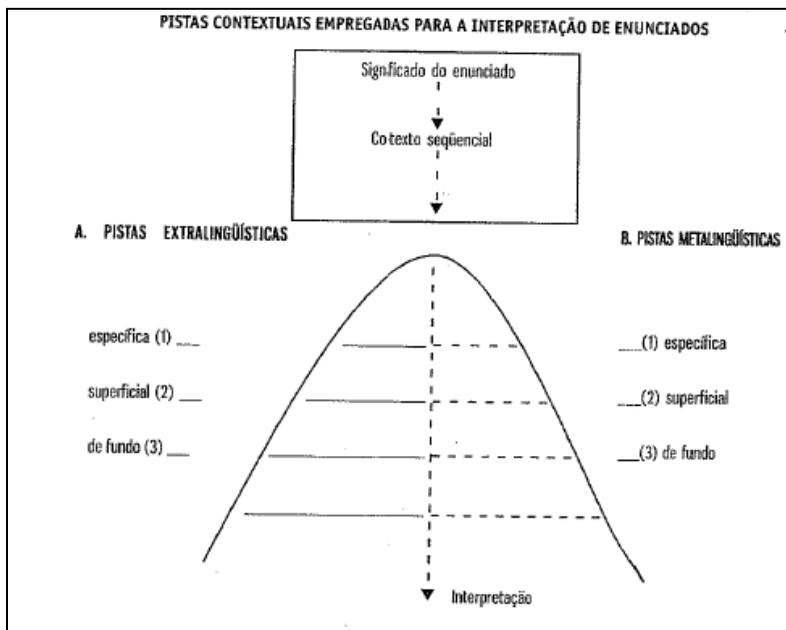


Figura 1: Pistas contextuais empregadas para a interpretação das elocuições

Fonte: Dascal, M., 2006, p. 195.

1. Em primeiro lugar, o autor reitera a distinção entre dois tipos de contexto: o conhecimento de mundo (extralinguístico) e o conhecimento de convenções e das estruturas linguísticas (metalinguístico).
2. Cada um deles fornece, segundo os autores, tipos de pistas contextuais diferentes, subdividindo-se em três níveis – *específico*, *superficial* e *de fundo*.

Os níveis de especificidade e os dois tipos de pistas mantêm paralelismo entre si e envolvem a exploração dos dois tipos de pistas, processando-se em duas etapas:

a) aproximação inicial com a apreensão de traços captáveis de imediato e

b) avaliação posterior com a verificação do que foi inicialmente apreendido, processando-se através do cotejo entre

dados de *input* e demais conhecimentos, inclusive os de fundo. Dascal (2006) propõe, além disso, como já o fizera em 1987, paralelismo entre as pistas contextuais, tendo por base os processos de apreciação e avaliação.

O interesse nesses estudos reside na perspectiva teórica por eles ensejada, de vez que seus autores definiram metalinguagem enquanto conhecimento contextual. Assim, ao invés de considerar o real em termos de realidade física como o propuseram os lógicos, Dascal e Weizman usaram o conceito de *contexto*, subdividindo-o em contexto extralinguístico (situação interativa imediata etc.); e contexto metalinguístico (universo discursivo, domínios discursivos, esferas discursivas etc.).

Sobre o conceito de contexto, Dascal explica que esse conceito não se limita a “cultura” ou a “background”. A seu ver, todo fator que afete ou possa afetar, de uma ou outra forma, a interpretação que se faz de ações (linguísticas ou outras) envolve o contexto. Tais fatores incluem, por exemplo, o estado mental da pessoa, o local em que essa pessoa se encontra e assim por diante. Isto é, a metalinguagem também pertence à lista de fatores contextuais. Se o discurso de alguém (assim como a sua interpretação do discurso de outrem) opera no transcurso de uma conversação, de um debate, ou de uma exposição de suas ideias (ou das de outrem) num determinado registro linguístico/semiótico (técnico, familiar, autoritário, humorístico etc.), isso determinará em boa parte a interpretação do que foi dito. A capacidade que se tem de utilizar diferentes tipos de discurso, de pular de um para outro, e de reconhecer cada um desses tipos e cada salto de um a outro é um conhecimento metalinguístico fundamental para a possibilidade humana de explorar o potencial riquíssimo da linguagem, assegura o autor.

Assim, segundo a proposta de Dascal e Weizman, o conceito de metalinguagem vincula-se ao contexto, ou seja, à realidade sociocultural. Nos dois estudos mencionados, o conceito de metalinguagem enquanto conceito essencial ao entendimento da realidade social, institucional, interacional, ganha proeminência.

Interessa, também, introduzir na discussão em andamento outro aspecto da dimensão metalinguística da linguagem que diz

respeito às representações (imagens, conceitos, ideias, mitos) que as pessoas, em geral, têm a respeito da língua e dos processos comunicativos. Essas representações integram os modos de ver e avaliar dos falantes, a respeito de outros falantes e a respeito de si mesmos, e constituem entendimentos estruturados, em termos de senso comum, constituindo parâmetros sociais. O modo de julgar as variedades dialetais existentes, a avaliação dos dialetos regionais e sociais e o prestígio de uma variante linguística em detrimento das demais decorrem de julgamento social, grupal, e se impõem, estigmatizando, ou prestigiando pessoas e seus grupos sociais de origem. Isso implica reconhecer que a metalinguagem autorregula as formas de expressão e de comunicação de uma língua e influencia, também, em nível social e ideológico, determinando ações, preferências e prioridades das pessoas. Assim, quando se fala em metalinguagem, é necessário ter em mente o contexto sociocultural, em termos bastante amplos (Coupland; Jaworski, 2004).

Parece, então, importante discutir o lócus de emergência da operação metalinguística e, também, destacar a sua condição de conhecimento contextual imprescindível ao entendimento e à produção de linguagem, o que implica dizer que a opacidade de um texto para alguém pode derivar tanto do desconhecimento do contexto interativo específico no qual se encontra, quanto do contexto metalinguístico específico, pelo desconhecimento do falante ou leitor dos ritos sociais, dos modos de abordagem e da terminologia específica da área. Há que aditar, ainda, que o ouvinte ou leitor pode desconhecer a estrutura convencional de um texto produzido para preencher determinado objetivo, porque um texto de anatomia é diferente de um texto ficcional. Uma conversa entre amigos é diferente da exposição oral de um trabalho. E, por fim, a falta de conhecimento de um dado domínio discursivo pode inviabilizar o entendimento de um texto, implicando falta de conhecimento de fundo, por desconhecer o leitor/ouvinte quais as regras gerais para a interação nesse tipo de situação (por exemplo, interlocução entre terapeutas e afásicos).

PALAVRAS FINAIS

Se nem tudo é linguagem, discurso, como é possível, ao mesmo tempo, aceitar a existência de um mundo independente das descrições produzidas e idêntico para todos, uma vez que o ser humano não tem acesso direto à realidade, sem mediação da linguagem?

Searle (2000) fala em realismo externo. Por exemplo, a gravidade existe, queira, ou não, alguém admiti-lo. Dascal e Weizman, de sua parte, consideram ponto pacífico a existência dessa realidade, porém nela não se detêm, falando ao invés em *contexto*, realidade constitutiva/constituente da linguagem, e desdobram esse conceito em dois subtipos: contexto extralinguístico e metalinguístico (1987, 2006). Assim, reconhecer que a realidade física existe não significa, necessariamente, ignorar que o ser humano possui uma capacidade natural - a linguagem - que não 'reflete', mas cria realidades de ordem cultural.

Desse modo, se a linguagem não é a única realidade existente - redução do real ao discurso - ela é, no entanto, a possibilidade humana de criação de realidades. Em vista disso, o mundo físico, por exemplo, é 'descrito' segundo o vê e entende a comunidade de homens que o descreve. Quanto às instituições humanas, elas são criadas por meio de palavras - e de outros recursos semióticos-, como bem o destacou Morato, o que coloca a linguagem, aquela linguagem chamada de linguagem-objeto pelos lógicos, no papel de construtora e constituinte de conhecimento e de significação.

Em qualquer caso, como estar fora da linguagem? A bifurcação teórica que estabeleceu a cisão entre linguagem e metalinguagem precisa ser revista e discutida. Faz-se necessário, também, não resumir a reflexão sobre a linguagem unicamente a questões verbais. Há que ter em conta que a linguagem é tanto verbal quanto não verbal, não sendo aconselhável esquecê-lo, pois a comunicação entre culturas, áreas de estudo e saberes distintos, para se efetivar, depende crucialmente de um melhor entendimento dessa propriedade das línguas que possibilita a criação de referência sobre elas mesmas.

REFERÊNCIAS

BEVIDAS, W. Estilo e metalinguagem na psicanálise de Lacan. Capítulo da tese de doutoramento (1992), publicada integralmente, com modificações, em *Inconsciente et Verbum*. Psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 2000. Disponível em: <http://www.nucleosephora.com/biblioteca/corpo1/publicacoes/Estilo eMetalinguagemdeLacan.pdf>. Acesso em: 29 out. 2008.

CHIERCHIA, G. *Semântica*. Tradução de Luís A. Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Londrina, PR: EDUEL, 2003.

COUPLAND, N.; JAWORSKI, A. Sociolinguistic perspectives on metalanguage: Reflexivity, evaluation and ideology. In: JAWORSKI, A.; COUPLAND, N.; GALASINSKI, D. (Ed.). *Metalanguage: Social and ideological perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

DASCAL, M. *Interpretação e compreensão*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006.

DASCAL, M. E; WEIZMAN, E. Contextual exploitation of interpretation clues in text understanding an integrated model. In: VERSCHUEREN, J.; BERTUCCELLI-PAPI, M. (Ed.). *The pragmatic perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 31-46.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

FLÔRES, O. C. Consciência metapragmática - uma abordagem multidisciplinar. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras e Arte, Pós-Graduação em Letras, PUCRS, 1994.

GIVÓN, T. Logic vs. Pragmatics, with human language as the reference: Toward an empirically viable epistemology. *Journal of Pragmatics*, v. 6, p. 81-133, 1982.

GOMBERT, J. E. *Metalinguistic development*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

LACAN, J. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LUCAS, C. R. A metalinguagem como lugar da interpretação: terminologia e bases de dados informatizadas. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999.

- LYONS, J. *Semântica*. Lisboa: Presença, 1977.
- MAINGUENEAU, D. *Introdução à Linguística*. Tradução de Luísa Baptista. Lisboa: Gradiva, 1997.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), v. 23, p. 273-302, 1995.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MORATO E. et al. *Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA- IEL/ UNICAMP)*. Relatório Final de Pesquisa, FAPESP, Processo 03/02604-9. Campinas, 2005.
- MORATO, E. Da noção de competência no campo da linguística. In: SIGNORINI, I. et al. (Org.). *Situar a linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MORATO E. (Org.). *A semiologia das afasias: perspectivas linguísticas*. São Paulo: Cortez, 2010.
- ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia. A fluidez nos limites do simbólico. *Rua* (Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade - Unicamp), v. 4, p. 9-19, 1998.
- ORLANDI, E. (Org.). *O que é Linguística*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999 (12ª reimpressão).
- PARRET, H. *Enunciação e Pragmática*. Tradução de Eni P. Orlandi, Marco A. Escobar, Maria A. Babo, Paulo Otoni, Raquel Fiad e Rodolfo Ilari. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
- PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.
- REY DE-BOVE, J. *Le Métalangage: étude linguistique du discours sur le langage*. Paris: Armand Colin, 1997.

SEARLE, J. *Mente, linguagem e sociedade: filosofia no mundo real*. Tradução de F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

TARSKI, A. The semantic conception of truth. In: ZABEEH, F.; KLEMKE, E. D.; JACOBSON, A. (Ed.). *Readings in Semantics*. Urban: Illinois Press, 1974. p. 341-375.

Recebido em 2 de março de 2011 e
aceito em 22 de junho de 2011.

Title: (Meta)Language

Abstract: *This article focuses on the concept of metalanguage, which is one of the concepts to be reconsidered in the area of linguistic studies, since most of the students and professionals who use the concept do not see it as dense and significant, using it without any criticism. The aim of this article is to review some conceptions related to it, analyzing its relationship with ordinary language. Additionally, I introduce the assumptions made by Dascal and Weizman (1987) and Dascal (2006), who define metalanguage in terms of context, and Morato (2010, 2008, 2005), who amplifies its scope, leaving behind the classic formalism and its conception of truth and reference.*

Key-words: *Language; metalanguage; extralinguistic and metalinguistic context.*